

PPGTER/GES.22.2021.DAT

Influência das Tecnologias Digitais no Cotidiano do Assentamento Nova Conquista de Chiapetta / RS

Autores

Marcelo Gschneitner Wisbistcki
wisbistcki@gmail.com

Liziany Müller Medeiros
lizianym@nte.ufsm.br



Versão 1.0
Status: Final
Distribuição: Externa
MARÇO 2021



2021 PPGTER – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede

Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)

Você tem o direito de compartilhar, copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato; adaptar, remixar, transformar, e criar a partir do material, de acordo com o seguinte: você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças forem feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou seu uso. Você não pode usar o material para fins comerciais.

PPGTER

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - CENTRO DE EDUCAÇÃO

Editoria Técnica do PPGTER

Universidade Federal de Santa Maria

Av. Roraima n. 1000

Centro de Educação, Prédio 16, sala 3146

Santa Maria – RS – CEP 97105-900

Fone / FAX: 55 3220 9414

ppgter@ufsm.br

edtec.ppgter@gmail.com

ISSN: 2675-0309

Relatórios Técnicos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede / Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, Universidade Federal de Santa Maria. – Vol. 3. n. 1 (2021) Jan/Jul. – Santa Maria: PPGTER/UFSM, 2021.

Periodicidade semestral.

1. Tecnologia Educacional. 2. Desenvolvimento de Tecnologias Educacionais. 3. Gestão de Tecnologias Educacionais. I. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede.

Como citar este relatório:

WISBISTCKI, M.G.; MEDEIROS, L.M. **Influência das Tecnologias Digitais no Cotidiano do Assentamento Nova Conquista de Chiapetta / RS**. Santa Maria: 2021. Relatórios Técnicos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, v. 3., n.1. Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgter/ppgter-ges-22-2021-dat/>

Resumo

Este relatório técnico apresenta os dados da pesquisa que objetivou conhecer quais tecnologias existentes e mais utilizadas no Assentamento Nova Conquista de Chiapetta/RS, conhecer a sua influência no processo produtivo, no meio de comunicação local, nas interações sociais e quais outros usos que se dão para essas tecnologias. Caracterizou-se por ser uma pesquisa de campo do tipo qualitativa, exploratória e usou-se questionário para a coleta de dados. Identificou-se que a estrutura para o acesso à internet existente é de boa qualidade e que os moradores fazem uso das facilidades e oportunidade que as tecnologias digitais da informação e comunicação podem oferecer, em sua grande maioria, voltada para a comunicação social, utilização de aplicativos de troca de mensagens, sendo que pouco é utilizado para os aplicativos de trabalho como planilha de cálculos, textos e outros.

1. Introdução

A globalização e os processos dela decorrentes vem possibilitando uma constante alteração nos espaços e estas mudanças são potencializadas pelas tecnologias digitais. A informação corre por vias de fibra ótica ou ondas de rádio e chegam aos recantos deste país continental e do mundo, em que muitas vezes não chegou a rede de água potável.

A integração dos espaços, habitantes, cidadão e pessoas tem acontecido simultaneamente. A distância que os separam dissolvem-se em nevoas da velocidade na transmissão de dados. O trabalho que doravante era penoso e insalubre hoje pode ser feito por maquinas a um manipular distante do homem que o realiza. A tecnologia ocupa lugares, proporciona contatos, diminui distâncias, mas, contudo, produz muitas desigualdades. Na medida em que se ampliam as disparidades e o acesso a conhecimentos entre os que possuem e os que não possuem acesso as tecnologias digitais de informação.

Neste contexto, pesquisar na contemporaneidade temas sobre a influência das tecnologias é relevante, compreender os vários mundos que coabitam nas estruturas sociais que o acesso as tecnologias digitais da informação e comunicação estão construindo. Estruturas sociais, dentro de estruturas sociais, novas comunidades dentro de velhas comunidades, com novos parâmetros de divisão, seleção, aglutinação e integração.

E para isso se faz necessário a pesquisa, o conhecimento da estruturação destas comunidades, o estudo de como elas se colocam e agem, o por isso, esta pesquisa, que tem por finalidade, conhecer quais as tecnologias existentes e mais utilizadas pelos moradores do Assentamento de Nova Conquista da cidade de Chiapetta/RS, bem como saber se essas auxiliam no processo produtivo, no meio de comunicação local, nas interações sociais e quais outros usos que se dá para essas tecnologias.

Tem-se por objetivo verificar a estrutura de acesso à tecnologia no assentamento de Nova Conquista, considerando para isso a rede de acesso à internet, dispositivos tecnológicos disponíveis, como celulares, tablets e computadores. Como um dos objetivos intenciona-se conhecer quais as tecnologias utilizadas pelos assentados no seu cotidiano e para que são utilizados. Outro objetivo buscado será investigar se os assentados possuem interesse em receber qualificação para a utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Espera-se conhecer tecnologias existentes e mais utilizadas pelos assentados de Nova Conquista, bem como se essas auxiliam no processo produtivo, na comunicação local, nas interações sociais e quais outros usos que se dá para essas tecnologias. Esta pesquisa se dará no primeiro semestre do corrente ano, será uma pesquisa de campo do tipo qualitativa, exploratória, será usado questionário do tipo formulário como instrumento de coleta de dados, o entrevistador/pesquisador terá a oportunidade de estar frente a frente com o entrevistado no momento da entrevista.

Discutiremos a educação popular a partir de Paulo Freire e a Cibercultura abordadas por Pierre Lévy. Nessa discussão estarão presentes diversos autores que tratam das temáticas, busca-se contrapor e construir referências cada vez mais elaboradas. Por ser uma pesquisa de campo a maturidade científica do pesquisador deve ser considerada

como uma parte sensível do processo, para que não se feche em uma linha unicamente de obtenção de resultados. Dessa forma oportuniza-se a construir um saber com uma relevância maior para a própria comunidade e seus indivíduos do que um belo relatório de objetivos alcançados mais vazio de sentido social e pedagógico, tanto para o pesquisador quanto para seus pesquisados.

O Assentamento Nova Conquista foi escolhido por ser um assentamento de atingidos por barragem, localizada no município de Chiapetta, da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Este modelo de assentamento, diferentemente das outras formas, comporta pessoas que tiveram que abrir mão de suas antigas propriedades em virtude da expansão da produção de energia ou mineração o que fomenta a implementação de várias formas de tecnologias por isso pesquisar a relação destas pessoas com a tecnologia é importante.

Tal pesquisa se justifica, pois, busca-se conhecer as influências da tecnologia na vida desta comunidade, saber qual o uso dado para esta tecnologia, se há o uso da tecnologia ou não, qual a importância das redes tecnológicas para estas famílias, quais suas expectativas para usufruir dos benefícios que a tecnologia digital da informação e comunicação pode proporcionar. Para a partir destes questionamentos entender a influência que a tecnologia tem, ou não tem, sobre a vida das pessoas deste assentamento.

2. Teorizando

2.1. Tecnologias digitais da informação e comunicação

A tecnologia nos rodeia, desde sempre, atualmente os equipamentos que dependem tecnologia estão se digitalizando e tomando outros usos. Junto a grande quantidade de instrumentos e aparelhos tecnológicos que estão disponíveis atualmente, temos a rede digital que as tem interligado e acondiciona um novo fator a tecnologia:

Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação pela microeletrônica. Essas novas tecnologias, assim consideradas em relação as tecnológicas anteriormente existentes, quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira com que as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informa-se e se comunicam com outras pessoas e todo o mundo (KENSKI, 2008. p. 22).

A comunicação que se estabelece a partir da tecnologia existente também é um fator totalmente diverso a já existente. A rede de conexões proporciona uma forma de comunicação amplificada e rápida. Nessa constante conexão nos deparamos com as tecnologias da informação, “essas tecnologias caracterizam-se por serem evolutivas, estão em permanente transformação” (KENSKI, 2008. p. 25) e novas terminologias vão surgindo como as tecnologias da Informação e Comunicação - TICs e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs.

Temos aqui um problema de terminologia. Durante muitos anos falava-se apenas no computador. Depois, com a proeminência que os periféricos começaram a ter (impressoras, plotters, scanners, etc.) começou a falar-se em novas tecnologias de informação (NTI). Com a associação entre informática em telecomunicações generalizou-se o termo tecnologias de informação e comunicação (TIC) (PONTE, 2000, p. 3).

No percurso do progresso da tecnologia da informação e comunicação, novos elementos foram sendo apropriados e demandados por ela e com isso se fez necessário que sua terminologia se reestruturasse e acolhesse um novo termo. Para nos auxiliar na compreensão e diferenciação entre os conceitos de TICs e TDICs temos:

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs se diferenciam das TICs pela aplicação das tecnologias digitais, para exemplificar a diferença é possível fazer a analogia das diferentes lousas disponíveis atualmente, entre a lousa analógica e a digital. Um quadro negro ou lousa analógica é uma inovação tecnológica se comparada à pedra, portanto é uma TIC, já a lousa digital é uma TDIC, pois agrega em sua arquitetura a tecnologia digital, ao conectá-la a um computador, ou projetor é possível navegar na internet, além de acessar um banco de dados repletos de softwares educacionais, dependendo do modelo (FONTANA, CORDENONSI, 2015 p. 108-109).

Este movimento produzido pela e na TDIC, tem impulsionado exatamente esta interação entre os saberes que giram na rede e podem ser acessados e transformados pelos usuários das tecnologias de informação. A sociedade em sua essência sobrevive das interações estabelecidas entre seus indivíduos e a tecnologia vem proporcionar a possibilidade de estreitamento destas relações sociais, pois diminuem as distancias que a geografia cria e constrói pontes de acesso entre eles.

2.2. Educação informal e as TDICS

A educação não escolhe ambiente, condições, forma para acontecer, ela se dá de quem e para quem menos se espera. A educação é intrínseca as relações humanas, sempre que uma pessoa transmite, constrói ou estabelece um saber para outro indivíduo a educação acontece. “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE. 2009. p. 43). Desta forma, a educação informal está a todo momento acontecendo dentro de uma sociedade.

O único fator que diferencia, mas não inferioriza as qualidades, da educação informal para a educação formal é a institucionalização. Enquanto a formal é construída por instituições para isso destinadas e tem seus saberes e conhecimentos previamente estabelecidos para serem transmitidos, a informal se estabelece em qualquer plano “desvestida da roupagem alienada e alienante seja uma força de mudança e libertação” (FREIRE. 2009. p. 44) e não há limites e sequer noção do que se pode construir neste tipo de educação.

Estamos em um momento em que vai sendo descoberto o limite da necessidade. Vai se apalpando soluções para a transformação da necessidade popular. O cotidiano sugere essas soluções. Sugere contornos e freios á ganancia de quem tem poder (FREIRE, NOGUEIRA, 2005. p.23).

As consciências e a criticidade somente se constroem em processos educativos socialmente construídos para tal, o que, dependendo da sociedade e da forma como ela organiza seus processos educativos formais, acaba por se construir em meios informais de educação, pois nasce junto com a necessidade contingente dos indivíduos que compõe esta sociedade.

Desta feita, pode-se considerar as tecnologias da informação como uma nova ferramenta para o processo da educação informal, pois, se tem nela uma amplitude de possibilidades que até então não estava disponível conforme Lévy (1999) já nos traz como as instituições de ensino estão perdendo oportunidades por desconsiderar os saberes não formais.

Se as pessoas aprendem com as suas atividades sociais e profissionais, se a escola e a universidade perdem progressivamente o monopólio da criação e transmissão do conhecimento, os sistemas públicos de educação podem ao menos tomar para si a nova missão de orientar os percursos individuais no saber e de contribuir para o reconhecimento dos conjuntos de saberes pertencentes as pessoas, aí incluídos os saberes não acadêmicos. (LEVY, 1999, p. 158).

As tecnologias digitas da informação trouxeram um novo elemento para o fazer da educação informal, o acesso a todo e qualquer tipo de saber, conhecimento disponível na rede. Mas há de se considerar que muitos saberes se aprimoram na troca com outros indivíduos, o que pode ser prejudicado quando se estabelece um ensino unicamente baseado em TDICs, como destaca Primo (2011, p. 32), "boa parte dos estudos de interação mediada por computador continuam enfatizando apenas a capacidade da máquina, deixando como coadjuvante as relações sociais". Pois:

[...] dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento (MORAN, 2007, p. 12).

Desta forma, as tecnologias digitais da informação vieram para realmente contribuir com processos educacionais formais ou informais, desde que não se perca nos seus fazeres à humanidade. “Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletiva” (LÉVY, 1999, p. 75). E a educação informal tem muito para contribuir com as tecnologias digitais de informação e comunicação, da mesma forma como pode usufruir de suas potencialidades.

2.3. História do Assentamento Rural da Reforma Agrária

Quando se pensa em assentamento rural e da reforma agrária, muito comumente se comete o erro de pensar que esta é uma política de governo populista e tem uma história recente em nosso país. Que se baseia unicamente em um aglomerado de pessoas que luta pela posse da terra.

Mas é preciso compreendê-lo como ele realmente é: “Assentamento é estudado enquanto um espaço individual de relações sociais onde as características heterogêneas individuais, homogêneas no processo de luta pela terra, ressurgem em bases novas” (ZEMMERMANN, 1994, p. 205). E, na busca por conhecer e entender como se dá este tipo de processo de posse da terra encontramos suas raízes desde a descoberta das terras além-mar denominadas Brasil.

A própria história do Brasil se confunde com a história da posse da terra pelas pessoas que ocupavam seu território, lutas, sangue, muitos foram os elementos que hoje e sempre permeiam a tão sonhada propriedade territorial. Como nos traz Martins (2000) “também a remanescente questão agrária é um problema suprapartidário, decorrente e resultado do modo insuficiente como foi resolvida a questão da escravidão” (p. 13).

Este é um problema que perpassa muitas esferas, para além do governo, do que é público e do que é privado e por isso demanda bem mais que vontade política para ser resolvida. Por isso as constantes lutas, movimentos populares e instituições que ideologicamente adotaram a bandeira da reforma agrária como uma ação justiça social, muitas vezes mais empenhada que a própria manifestação da vontade do camponês.

Hoje chamado de problema fundiário, a legalização dos espaços ocupados por moradias e produção tiveram sempre presentes na caminhada deste país. Depois da década de 50 onde a reivindicação de uma reforma da posse da terra foi articulada a partir da ideologia de instituições religiosas, políticas e de uma classe média intelectualizada.

A luta pela reforma agrária somente teve a personificação política com a criação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) uma autarquia federal, cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional. Criado pelo Decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970, atualmente o Incra está implantado em todo o território nacional por meio de 30 superintendências regionais (BRASIL, 2018. DOCUMENTO DIGITAL).

A terra da posse sempre foi e será um elemento de constante conflito seja aqui ou em qualquer outro lugar, por isso, o estabelecimento de políticas com regras claras e justas para que os indivíduos que estão sobre a terra possam ter acesso legal sobre ela, é uma demanda não só da contemporaneidade social do país, mas também uma prospecção de

dignidade ao seu povo. Por que o território, a terra de cada um, ou que cada um deveria ter o direito de possuir, é bem mais que simples terra.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2002, p. 10).

Há muitos motivos que impossibilitem ao indivíduo ter a posse legal da sua terra, quando não é possível que isso aconteça, os indivíduos são, dentro dos projetos a isto destinados, realocados em um espaço territorial que lhes possibilite ter a posse desta área. Isso acontece principalmente quando há a necessidade de deslocamento das pessoas em virtude do chamado interesse público. A construção de barragens para produção de energia ou mineração produziu um novo modelo de assentamento. Ao que Leite (2004) nos traz:

Na medida em que se reduz os conflitos, e se cria territórios sobre a gestão do Estado, surge uma nova categoria: os “assentados”, que passam a ser alvo privilegiado de políticas públicas às quais não tinham acesso anteriormente e cujos efeitos extrapolam os limites dos projetos e das populações ali assentadas (LEITE *et.al.*, 2004, p.21).

O próprio Incra estabelece os tipos e formas de assentamentos que o governo instituiu como sendo projetos para realocar famílias considerando vários fatores. Dentre elas estão os Remanescentes de Barragem – PRB - A implantação é de competência dos empreendedores e o Incra reconhece como beneficiário do PNRA, quando eles passam a ter direito ao Pronaf A, Assistência Técnica Social e Ambiental (ATES) e Pronera (BRASIL,2018). Os procedimentos que incorporam as políticas de assentamento de famílias compreendem várias fases que possibilitam que isso aconteça.

Ser dono do seu pedaço de chão para as famílias é mais do que a posse de um bem capital, é a autorização de pertencimento aquele lugar, àquela região, aquele mundo, aquela cultura e aquele povo. “O território é um trunfo particular, recurso e entrave, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. O território é o espaço político por existência, o campo da ação dos trunfos (RAFFESTIN, 1993, p.59,60).

Por isso, a terra tem mais que valores monetários e de produção. E ser deslocado dela, destituído, recolocado, qualquer movimento sobre o território demanda mais que movimento geográfico.

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser mais compreendido sem seu território, no sentido em que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (SOUZA, 2003, p.84).

Este pertencimento não nasce somente da escritura de posse, mas sim das raízes estabelecidas naquele chão e disso os assentados acabam por perder quando são conduzidos a outros campos diferentes de suas casas.

Em nível das representações a terra possui duas materialidades: física e simbólica, cuja simbiose produz o lugar. Lugar de viver, lugar de morar, lugar de criar os filhos, o lugar da gente. O lugar enquanto materialidade simbólica é prenhe de significados que dizem respeito não somente ao momento presente, mas ao passado e também ao futuro. A um elo de ligação entre estes tempos, reconstruídos pela memória individual e coletiva. A representação de lugar traduz os aspectos identitários destas pessoas (MORAES, 2006, p. 54).

Quando se assenta famílias que não possuíam seu pedaço de chão o assentamento é uma conquista e considerada a chance de uma nova vida. Mas as outras possibilidades de assentamento cabíveis na política brasileira, apresenta a possibilidade destes assentados serem movidos de suas terras e sentirem-se violados em seu direito de estarem ondem escolheram estar.

O movimento dos atingidos por barragens, foi criando exatamente para buscar garantir os direitos dos proprietários que são atingidos pela construção de hidrelétricas que impactam tanto social, ambiental e economicamente na vida de muitas famílias. E atuou muito fortemente na negociação com as famílias que compõem o Assentamento Nova Conquista, para garantir que o deslocamento das famílias seria vantajoso não somente para a empresa.

O Movimento não é contra a geração de energia e os benefícios que essa possa trazer para a população. É contra os planos que impõem a construção de grandes barragens, sejam elas estatais ou privadas. Luta pela democratização da política energética e pelo compromisso com um projeto de sociedade socialmente justa e ecologicamente responsável (DALL AGNOL, 2006, p. 32).

Isso acontece por exemplo com os remanescentes de barragem que tem suas terras alagadas para construção de barragens de hidrelétricas e precisam ser realocados em outros lugares onde não possuem vínculos, raízes ou parentesco. Isto é em prol da chamada de interesse público. A luta pela terra tem muitos vieses e muitas faces. Muitas mãos e muito sangue e “a questão agrária só se resolverá na mesa das boas intenções e do amor à pátria e ao povo, na renúncia do particularismo” (MARTINS, 2000, p. 13).

3. Percurso metodológico

A presente pesquisa é um estudo de caso, pois busca alcançar seus objetivos a partir da análise específica de um fato junto ao público alvo da pesquisa. De acordo com Yin (2005, p. 32), *o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas*. Optou-se por uma abordagem do tipo qualitativa por considerar de grande relevância resultados que venham a serem alcançados que não tenham significação numérica ou possibilidade de quantificar, visto que o saber cotidiano muitas vezes perpassa a barreira numérica e a sua mensuração.

Este estudo de caso terá como característica ser do tipo exploratório pois busca dirimir dúvidas e ampliar o entendimento que correspondam ao objetivo proposto para o mesmo, ao que Gil (1999) nos traz a definição sobre as pesquisas exploratórias e que nos cabe tão bem ao que nos propomos. *As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores*. (GIL, 1999, p. 43).

Utilizou-se como técnicas de investigação e coleta de dados os diálogos informais em entrevista, a observação direta e questionários, ao que a este Gil (2008) *as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador, podem ser designados como questionários aplicados com entrevista ou formulários* (GIL, 2008.p. 121). Desta feita, utilizou-se de questionários composto por 24 (vinte e quatro) questões abertas e fechadas, que buscam conhecer o perfil dos moradores do assentamento Nova Conquista, os quais aceitaram participar da presente pesquisa. Este assentamento se constituiu a partir da construção de uma usina de energia elétrica, os assentados são oriundos da região dos alagados da Hidrelétrica de Ita do Estado de Santa Catarina.

4. Análise dos dados

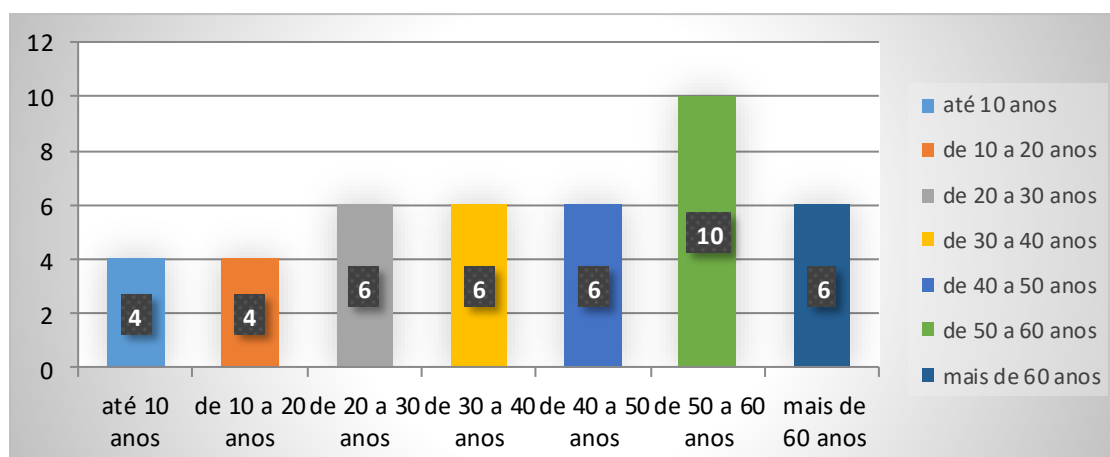
Das 66 (sessenta e seis) famílias que originalmente fizeram parte do processo de assentamento que deu origem ao Assentamento Nova Conquista, do município de Chiapetta/RS, 32 (trinta e duas) ainda hoje permanecem nos seus lotes, destas, 16 (dezesseis) famílias aceitaram fazer parte desta pesquisa. Será sobre a totalidade destas 16(dezesseis) famílias que aceitaram fazer parte da pesquisa, que os dados serão analisados.

Para tanto, considerando as questões de número 01, 02 e 03 do questionário que foi preenchido mediante a entrevista do pesquisador, que buscou apurar a idade, sexo e ocupação do entrevistado, pretendendo com isso construir um perfil dos indivíduos que participaram da pesquisa. Responderam as questões do entrevistador 16 pessoas, destas 01 (um) estava na faixa etária compreendida entre 21 e 25 anos; 01 (um) estava na faixa etária de 26 a 30 anos; 01 (um) estava na faixa etária de 31 a 35 anos; 02 (dois) estavam na faixa etária de 36 a 40 anos; 02 (dois) estavam na faixa etária de 46 a 50 anos e 09 (nove) estavam na faixa etária acima de 50 anos.

Na entrevista, declararam-se agricultores 15 entrevistados e 01 (um) declarou-se como sendo servidor público, e considerando-se que este é um assentamento da reforma agrária, este número não poderia ser diferente pois esta é a intensão desta modalidade de assentamento. Dos entrevistados 09 (nove) eram do sexo masculino e 07 (sete) eram do sexo feminino, o que destaca também ser uma característica dos sujeitos do campo, onde a maioria deles é homem. Na questão número 04 (quatro) apurou-se o estado civil dos entrevistados, ao que se declararam casados 11 (onze) entrevistados, 03 (três) declararam-se viúvos, 01 (um) declarou ser solteiro e 01 (um) declarou ser separado. O que nos remete ao um percentual superior a trinta por cento de pessoas que não vive com um parceiro e novamente o sujeito feminino é uma ausência perceptível.

Na questão número 5 buscou-se conhecer a composição familiar do entrevistado, o número de moradores da residência, o sexo e a idade de cada um. Ao que se apurou que nas 16 famílias entrevistadas residem 42 (quarenta e duas) pessoas, o que dá uma média de 2,6 pessoas por família. Do total de residentes, 20 (vinte) deles são mulheres e 22 (vinte e dois) são homens. Mas este número final não demonstra claramente a realidade, pois na faixa etária de até 15 anos as mulheres estão em maior número e a partir dos 40 anos esta situação se inverte. E a composição familiar muitas vezes mascara esta estatística, pois muitas mulheres que estão na composição familiar são as avós, não estando mais na idade economicamente considerada ativa, mas contribuem para a manutenção da família. Como uma questão corrobora com a outra, analisou-se a idade dos moradores, e dos residentes, 05(cinco) pessoas tem até 10 (dez) anos; 04(quatro) pessoas tem até 20 anos, 06(seis) pessoas tem até 30(trinta) anos, 06 (seis) pessoas tem até 40 anos; 06 (seis) pessoas tem até 50 anos; 10 (dez) pessoas tem até 60 anos e 06 (seis) pessoas tem mais de 60 anos (Gráfico 1).

Gráfico 1: Faixa etária dos moradores



Fonte: dos autores.

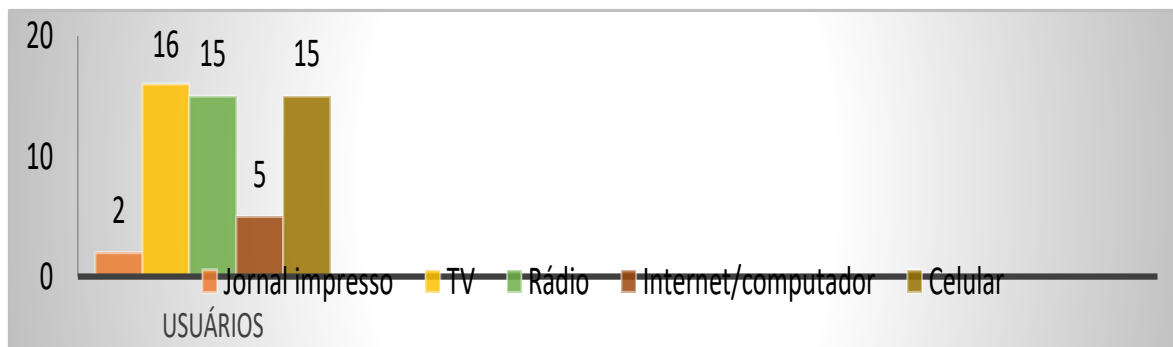
Pode-se perceber que, do total de residentes no assentamento que fizeram parte da pesquisa (42 pessoas), 16 (dezesesseis) pessoas tem mais de 50 anos, o que representa mais de 38% dos moradores. Enquanto que 42% dos moradores estão na faixa etária dos 20 aos 50 anos. Mas o que preocupa com relação a isso é que em 10 anos esta estatística será de 32% da população do assentamento estando na idade entre 20 e 50 anos, e 52% deles com mais de 50 anos (se não houver uma alteração na configuração das famílias). Esta característica observada no assentamento é uma confirmação dos dados do IBGE (2018), que demonstra o envelhecimento da população e isso se apresenta em todo o território nacional, e no assentamento não seria diferente.

Com relação a escolaridade, 09 (nove) entrevistados informaram possuir escolaridade inferior ao ensino fundamental, 03 (três) declararam ter o ensino fundamental e 04 (quatro) declararam ter o ensino médio, sendo que um destes declarou estar cursando o ensino superior. Com relação aos demais moradores componentes da família, o entrevistado informou que: 08 (oito) não tem o ensino fundamental completo, 02 (dois) possuem o ensino fundamental e 05 (cinco) possuem o ensino médio, mas não foi informado a escolaridade de 11 (onze) moradores. Desta forma, pode-se dizer que 22 (vinte e dois) moradores tem até o ensino fundamental, 09 (nove) possuem o ensino médio e 11 (onze) não declararam sua escolaridade. A baixa escolaridade encontrada no assentamento ainda é uma realidade no meio rural “dos proprietários rurais que administravam diretamente 3,9 milhões de estabelecimentos agropecuários, 39% eram analfabetos ou sabiam ler e escrever sem terem frequentado a escola e 43% não tinham completado o ensino fundamental” (IBGE, 2010).

Analisou-se também a renda das famílias entrevistadas, ao que foi questionado sobre a origem da renda que os sustenta. Para isso as respostas foram que 04 (quatro) famílias não possuem renda extra, vivendo exclusivamente dos recursos da agricultura e pecuária, 06 (seis) famílias declararam ter outra renda, a aposentadoria e 07 (sete) famílias não declararam se há outra renda e sua origem. Percebe-se que no assentamento a aposentadoria é um complemento a renda família, em alguns casos é a principal, pois é um recurso mensal garantido, enquanto que a produção agropecuária é volátil e sazonal. A aposentadoria de um ou mais membros da família é o que garante a manutenção e custeio das necessidades básicas.

Em outro momento da entrevista, buscou conhecer as tecnologias, a forma de acesso, a forma como se tem acesso às informações, o que se obteve o seguinte resultado. Foi questionado: quais mídias que se utiliza para ficar informado? Ao que foi respondido: 02(dois) jornais, 16(dezesseis) TV, 15(quinze) rádio, 05(cinco) internet/computador e 15(quinze) declararam usar o celular. Para esta questão foi possível citar mais de uma forma de acesso a informação, o que fica bem claro no gráfico 02: Mídias utilizadas para receber informação.

Gráfico 02: Mídias utilizadas para receber informação.



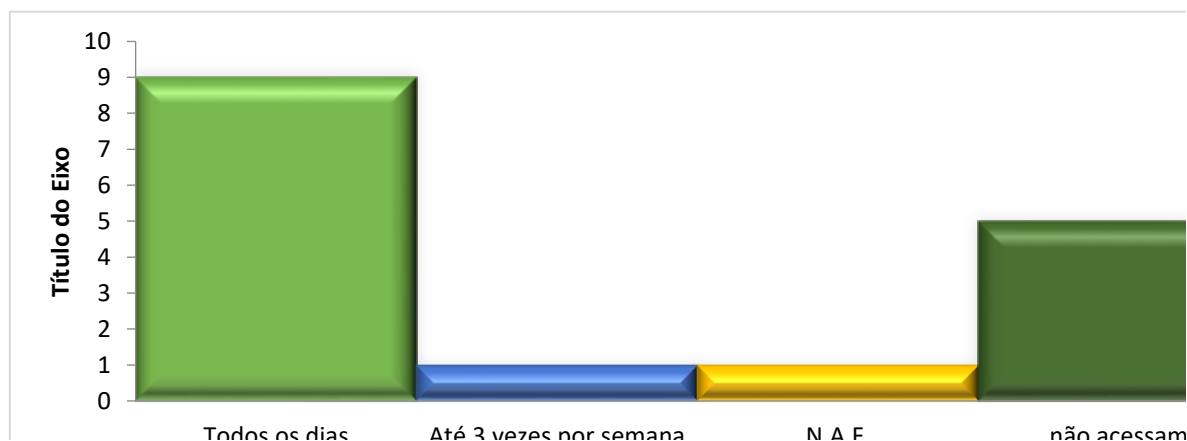
Fonte: dos autores

Fica perceptível que a TV ainda é a forma mais utilizada para receber as informações nas famílias, sendo que o rádio, com toda a sua história e reconhecimento está dividindo espaço com o aparelho de celular (aqui também compreendidos os smartphones e aparelhos com acesso à internet). O jornal impresso por sua vez, está com poucos usuários.

Nas demais questões foram apuradas as questões de acesso aos dispositivos de mídia, dos quais 05(cinco) responderam que já usaram o computador, mesmo que 9 (nove) tenham declarado possuir o computador. Enquanto que os 16(dezesseis) entrevistados declararam possuir aparelhos de celular, mas 15(quinze) declararam utilizar para receber informações; 12(doze) entrevistados disseram conhecer a internet, 010(dez) possuem internet por rede de WiFi, dos que usam o celular, 04(quatro) não acessam a internet, 03(três) usam sistema da operadora de rede de celular com pré-pago, 01(um) possui, mas não acessa a internet e 9(nove) usa a rede de WiFi existente.

Fica perceptível que a rede de acesso à internet existe nas residências que se espalham pela área do assentamento, a estrutura está disponível tanto por cabo, fibra óptica, quando via rádio ou através da operadora de telefonia celular. O que proporciona aos moradores a condição de uso do sistema de internet caso tivessem interesse. A rede também está constantemente sendo ampliada. Dos entrevistados 10(dez) deles declaram acessar a internet em casa, não usando espaços públicos de acesso ou o trabalho, 9(nove) acessam a internet todos os dias, 01(um) acessa até 03 vezes por semana, 01(um) não acessa com frequência, e os outros 5(quatro) não acessam a internet, o que pode ser visto no gráfico 3: frequência de acesso à internet.

Gráfico 3: frequência de acesso à internet.

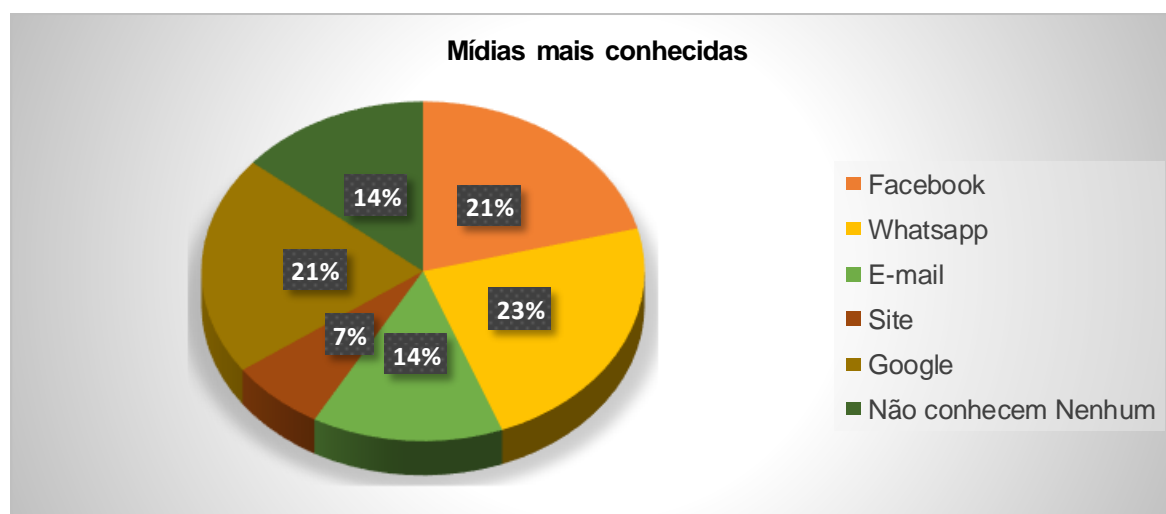


Fonte: dos autores.

Outra questão feita aos entrevistados relacionava-se aos aplicativos básicos do computador que o entrevistado sabe utilizar, ao que apurou-se que 11 (onze) dos entrevistados não sabe utilizar de nenhum aplicativo, 05 (cinco) usam os editores de texto, 03 (três) usam planilhas de cálculos, 02 (dois) usam apresentadores de slides e editores de imagem e 01 (um) usa editores de vídeo. Este dado confirma a resposta dada anteriormente, onde 05 (cinco) entrevistados declaram usar o computador, apesar de 09 (nove) deles declaram ter computador.

Foi questionado aos entrevistados sobre seu conheciam o Facebook, WhatsApp, e-mail, site, Google; ao que foi respondido: 09 (nove) conhecem o Facebook, 10 (dez) conhecem o WhatsApp, 06 (seis) conhecem o e-mail, 03 (três) conhecem site e 09 (nove) conhecem o Google enquanto que 06 (seis) declaram não conhecer nenhum deles. Para esta questão foi aceito mais de uma alternativa. A popularidade da mídia é perceptível no gráfico 04: Mídias mais conhecidas.

Gráfico 04: Mídias mais conhecidas.



Fonte: dos autores.

Na entrevista, buscou-se fazer um contraponto entre o conhecer e o utilizar, por isso foi perguntado o que os entrevistados usavam e como alternativas foram apresentadas, o Facebook, WhatsApp, e-mail, site, Google; ao que foi respondido: 08 (oito) usam o Facebook, 10 (dez) usam o WhatsApp, 03 (três) usam e-mails, 01 (um) usa sites, e 06 (seis) usam o Google e 06 (seis) não usam nenhuma das alternativas apresentadas. É perceptível a diferença entre conhecer e usar, pois com exceção para o WhatsApp onde todos que declararam conhecer também usam, os demais itens têm maior número de entrevistados que conhecem e menor número de entrevistados que fazem uso.

Buscou-se saber se os entrevistados já haviam feito algum curso de capacitação sobre o uso da informática, ao que foi respondido que sim por apenas 03 (três) entrevistados enquanto que 13 (treze) deles responderam que não. Dos que responderam que já haviam feito cursos de capacitação 02 (dois) declararam ter sido sobre informática básicas e aplicativos e um deles não recorda mais sobre o que tratava o curso.

A questão que fechou a entrevista inquiria sobre o que o entrevistado gostaria de aprender sobre as tecnologias, obteve-se respostas como: “por não conhecer não sei o que quero aprender”, “não tenho interesse em aprender nada de tecnologia”, “nunca pensei nisso” e também declararam que “por causa da minha idade acho que não preciso mais disso”. Outros responderam que: “tudo, pois tô (sic) engatinhando nisso”, “mexer no computador”, “como usar a internet” ou ainda, “gostaria de saber o que é bom ou ruim na internet” e que “me sinto perdido sem conhecer a internet”. Enquanto que outros demonstram ter entendimento do que gostariam de aprender, como: “gostaria de aprender sobre escrever textos, mandar e-mails e fazer pesquisas”, “queria saber como ter informações sobre mecânica”, “queria saber usar para concertar maquinas, celulares e computadores”, “hoje as notas do leite são emitidas pela internet, precisava aprender isso”, “tenho interesse em tecnologia do campo e do clima” e um deles declarou que gostaria de “fazer um curso de programador”.

Considerações finais

Se iniciou esta pesquisa com o objetivo de conhecer as influências das tecnologias digitais da informação e da comunicação no cotidiano das famílias do Assentamento Nova Conquista, que se localiza no município de Chiapetta, região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E certamente esta pesquisa encontrou bem mais fatores a considerar que somente estas influências que as TDICs podem ter sobre a vida dos moradores deste assentamento.

Identificou-se que a estrutura para o acesso à internet é existente, de boa qualidade e que muitos deles já fazem uso das facilidades e oportunidade que as tecnologias digitais da informação e comunicação podem oferecer. Mas também foi percebido que os tradicionais meios de comunicação que são a televisão e o rádio, ainda dominam, estando em cem por cento dos lares dos assentados. Apurou-se que somente um terço dos entrevistados utiliza computadores, aplicativos e a internet, apesar de bem mais que este um terço ter acesso a computadores e a internet.

Mas é preciso perceber que mesmo o acesso que existe entre os moradores do Assentamento Nova Conquista é em sua grande maioria voltada para a comunicação social, da utilização de aplicativos de troca de mensagens e pouco é utilizado para os aplicativos de trabalho como planilha de cálculos, textos e outros.

E para compreender isso retornamos ao início deste texto, onde traz-se a informação de que estas famílias foram tiradas de seus lugares em detrimento ao interesse público, fica talvez mais claro porque os moradores utilizam mais as redes sociais do que editores de texto. Mas apurou-se também que mais de cinquenta por cento dos moradores do assentamento estão acima da faixa etária dos cinquenta anos, demonstrando o envelhecimento da população do campo, principalmente em comparação quantidade de crianças que estão atualmente residindo. E é uma característica ressaltada na entrevista de que estes moradores mais velhos demonstram pouco interesse em equipamentos e até para com a própria internet. Mas sabe-se que este desinteresse é causado pela falta de conhecimento a respeito das TDICs, corroborada por uma baixa escolaridade e a idade dos moradores.

Mas ao restante da população do assentamento, percebeu-se grande interesse em apropriar-se de mais saberes e informações a respeito das tecnologias digitais da informação e da comunicação. Principalmente aos conhecimentos que estão ligadas à sua produção, controle de notas fiscais online, uso de planilhas de cálculos, manutenção de maquinários.

Por isso, conclui-se que, apesar de hoje a influência das tecnologias digitais da informação e da comunicação, no Assentamento Nova Conquista, não ser de grande relevância, ela tem grande oportunidade de crescer e ser ampliada. Até por que em terreno totalmente ocupado, não há espaço para novas ocupações, e desta forma onde não há influências, há espaço para a ampliação do uso das TDICs, principalmente como ferramenta de trabalho.

Pois os meios de produção e controle da produção estão exigindo este aprimoramento e utilizando as TDICs para fazer seu trabalho render. Mas conclui-se também que não há entidades que possam realizar este aprimoramento, formação ou educação nas TDICs, segundo as falas dos entrevistados, e se há não tem chegado até eles. Desta forma,

propostas de formação e educação nas tecnologias digitais da informação e comunicação tem grande espaço para serem implantadas, principalmente se adequarem seus processos as necessidades dos assentados, no que diz respeito a conceitos e estruturamento dos cursos e formações.

Referências

ABRAMOVAY, R. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. São Paulo; UNESCO: 1998.

BORTOLAZZO, S. F. **Nascidos na era digital**: outros sujeitos, outra geração. In: XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIO DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2012, Campinas. Anais.... Campinas: UNICAMP, 2012.

BRASIL. Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997. **Lei Geral das Telecomunicações**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9472.htm. Acessado em 10 de outubro de 2018.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Política pública de inclusão digital** / Tribunal de Contas da União. - Brasília: TCU, SeinfraAeroTelecom, 2015.

CASTELLS, M. Prólogo: **A rede e o ser**. In: CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. v.1, 6ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FONTANA, F. F.; CORDENONSI, A. Z. **TDIC como mediadora do processo de ensino-aprendizagem da arquivologia**. *ÁGORA*, Florianópolis, v. 25, n. 51, p. 101-131, jul./dez. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da População 2018**: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047> ; acesso em 13 de abril de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidade de Chiapetta**. Disponível em : <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/chiapetta/panorama>; acesso em 10 de abril de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Retratos do Brasil Rural**: Modernidade na agropecuária contrasta com baixa escolaridade. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=2242&t=retratos-brasil-rural-modernizacao-agropecuaria-contrasta-baixa-escolaridade&view=noticia>; acesso em 13 de abril de 2019.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

LEITE, S. **Por uma economia política da reforma agrária**: custo de implantação e infraestrutura nos assentamentos rurais paulistas (1984 – 1987) p. 287,313. In MEDEIROS, L. S. et al. Assentamentos rurais: uma visão interdisciplinar, São Paulo. ED UNESP, 1994.

LEITE, S. P. (et. al.) . **Impactos dos assentamentos**: um estudo sobre o meio rural brasileiro. Brasília: IICA/NEAD, São Paulo: Editora da UNESP; 2004. (NEAD, nº6).

LOPES, A. H. R. G. de P.; MONTEIRO, M. I.; MILL, D. R. S. **Tecnologias Digitais no contexto escolar**: Um estudo bibliométrico sobre seus usos, suas potencialidades e fragilidades. Revista Eletrônica de Educação, v. 8, n. 2, p. 30-43, 2014.

MARTINS, J.S. **Reforma agraria**: o impossível diálogo. São Paulo. EDUSP, 2000.

MATTOS, F. A. M.; SANTOS, B. D. D. R. **Sociedade da informação e inclusão digital**: uma análise crítica. Liinc em Revista, v. 5, n. 1, março, 2009, Rio de Janeiro, p. 117- 132. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000005903/7b1984241caaa79f24ca6896286717be>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

MINAYO, C. S. (Org.). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. Petropolis, RJ. Vozes. 1994.

MORAIS SILVA, M. A. de. **Experiência na bagagem dos caminhantes da terra**. Teoria e Pesquisa; nº49; jul/dez 2006. P. 35-64.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

NEVES, D. P.; SILVA, M. A. M.; **Processo de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. Formas tuteladas de condição camponesa. Vol 1. Ed. Unesp, 2008.

RUFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Editora Ática, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo, Hucitec, 1996.

SOUZA, M. J. L. **O território sobre o espaço e poder**, autonomia e desenvolvimento. p. 77 – 116. In CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs). Geografia: conceitos e temas. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ZIMMERMANN, N. DE C. **Os desafios da organização interna de um assentamento rural**. In MEDEIROS, L. S. et al. Assentamentos rurais: uma visão interdisciplinar, São Paulo. ED UNESP, 1994.